

Ponderações Sobre as Organizações

Este trabalho visa delinear os aspectos relevantes básicos a serem considerados no pensamento organizacional enquanto disciplina e fundamento da gestão empresarial contemporânea.

Apesar de a égide instrumentalista e do fordismo (concepção industrial, compartimentalizada das coisas) serem ainda os grandes paradigmas contemporâneos como pode ser percebido nos inúmeros tomos disponíveis a este respeito tanto em bibliotecas como nas livrarias, bem como na racionalidade expressa em inúmeras palestras e textos acadêmicos dos mais diversos autores, cabe a apresentação de alternativas e contrários de forma a lhes dar um maior contraste e, quem sabe, um embasamento diferenciado para os gestores com uma nova visão.

Muitas vezes, ao se iniciar em um determinado conhecimento, antes de tudo, convém começar a dominar a sua linguagem própria, o seu cabedal de significados e tecnicismos de forma a tornar mais claro e proveitoso o seu estudo. Apesar de o uso de toda linguagem técnica ser, por natureza, excludente daqueles que não são nela iniciados, ele também amadurece, evitando um pensar ingênuo e pouco reflexivo.

No que diz respeito às teorias organizacionais, convém definir a priori o que sejam organização e administração, já que o conhecimento da gestão irá constantemente circundar esses dois temas.

Uma consulta a um dicionário (BUARQUE DE HOLLANDA, 1986) apresentaria a seguinte definição à palavra administração e a seus componentes:

Administração. [Do latim *administratio*.] Substantivo feminino. 1. Ação de administrar. 2. Gestão de negócios públicos ou particulares. 3. Governo, regência. 4. Conjunto de princípios, normas e funções que têm por fim ordenar os fatores de produção e controlar a sua produtividade e eficiência, para obter um determinado resultado. [...].

Ad. [Do latim *ad*.] Prefixo = aproximação, direção, aumento, acrescentamento. [...].

Ação. [Do latim *actio*.] Substantivo feminino. 1. Ato ou efeito de atuar; atuação, ato, feito, obra. [...]. 6. Modo de proceder; comportamento, atitude. [...].

Ministro. [Do latim *ministru*, "criado", "servo", "servidor".] Substantivo masculino. [...]. 2. Aquele que executa os desígnios de outrem; mediano, intermediário, executor, auxiliar. [...].

Como pode ser percebido, na verdade, a palavra administração é a ação ou ato de tornar alguém mais executor, mais auxiliar, mais mediano dos desígnios de outrem. Em outras palavras, é o feito de tornar o sujeito mais subserviente e obediente às ordens do gestor no que caracterizaria, segundo a ótica do materialismo dialético, uma clara relação desigual entre o administrador e os administrados. Em razão dessa lógica, preferimos usar a palavra gestão que tem como origem a palavra latina *gestio* com sentido de dar vida, desenvolver, elaborar e, por extensão, refletir (BUARQUE DE HOLLANDA, 1986).

Da mesma forma, continuando a consulta a respeito da palavra organização, serão encontradas as seguintes definições dadas por Buarque de Hollanda (1986):

Organização. Substantivo feminino. 1. Ato ou efeito de organizar(-se). 2. Modo pelo qual um ser vivo é organizado; conformação, estrutura. [...]. 3. Modo pelo qual se organiza um sistema. [...].

Organizar. [Do francês *organiser*]. Verbo transitivo direto.

Constituir o organismo de; estabelecer as bases de; ordenar, arranjar, dispor. [...]. 2. Dar às partes de (um corpo) a disposição necessária para as funções a que ele se destina. [...].

Em suma, organização é essencialmente uma estrutura ou sistema disposto de tal forma que seus componentes contribuam para um determinado fim. Em uma melhor definição dada por Fernando Guilherme Tenório (2002b): "as organizações são um sistema social formalmente organizado que visa alcançar objetivos e resultados". Objetivos são sistemas probabilísticos planejados a priori e norteiam a ação organizacional, enquanto resultados são colhidos e, portanto, permitem uma avaliação da organização.

Observa-se, portanto, que na própria definição do objeto de estudo das teorias organizacionais encontram-se elementos da racionalidade dos meios aos fins, ou seja, como será visto abaixo, a racionalidade funcional ou instrumental.

Apesar disso, cabe ressaltar três aspectos de suma importância a respeito das organizações: elas são sistemas sociais e, portanto, dizem respeito às relações entre indivíduos; elas são formalmente organizadas e, assim, estão apoiadas sobre contratos e dependem, em algum grau, da lógica jurídica; elas são estruturadas para concretizar um fim específico e, dessa forma, esse fim tende a se tornar o nexo de suas relações exógenas e endógenas.

Em razão disso, a organização é o objeto de estudo de várias ciências sociais como sociologia, administração, antropologia, psicologia, entre outras. Muitas vezes, essas ciências associam-se ou se dissociam para melhor estudar o fenômeno organizacional sem, contudo, necessariamente chegarem a uma verdade mais absoluta. Nas palavras de Fernando Guilherme Tenório (2002):

"O esforço interdisciplinar surge com os modismos comportamentalista e sistêmico no estudo das organizações, aí se enten-

dendo interdisciplinaridade como a troca de conhecimentos especializados, dentro de um espaço específico de estudo que, no caso, seria o das organizações. Este esforço não trazia, contudo - ingênua ou propositadamente -, à discussão as causas estruturais que desmotivam o homem no trabalho. Ou então percebiam "parsonianamente" o problema, à medida que a busca da homeostase para a manutenção do equilíbrio do sistema desconsiderava os vetores tempo e espaço, segmentos que movimentam qualquer sistema social".

Assim, mesmo que a administração, enquanto ciência, tenha por objeto de seu estudo a organização, ela também faz das relações sociais no âmbito da organização um co-objeto de estudo, não menos importante que a própria organização e como ciência, ela "estabelece hipóteses e princípios de trabalho, já que a teoria cria racionalidades (TENÓRIO, 2002b)".

Sendo assim, cabe listar essas racionalidades quanto à natureza da relação sujeito/objeto, ou seja, como perspectivas diversas diferenciam-se pelo peso relativo que dão aos componentes das relações sociais existentes dentro das organizações. São elas: objetivismo, subjetivismo, visão fenomenológica, funcionalismo (ou instrumentalismo), materialismo dialético (ou marxismo), Teoria Crítica de 1ª. Geração (ou Teoria da Escola de Frankfurt) e Teoria Crítica de 2ª. Geração (ou Teoria de Jürgen Habermas).

Para a racionalidade objetivista o objeto é valorizado em detrimento do sujeito. Em outras palavras, mais importante que o homem é a organização (ou o ambiente e a realidade) e esta o condiciona. Segundo o objetivismo, a lógica e o racionalismo científico são as forças do homem e através deles ele consegue superar qualquer dificuldade e impor-se (RAND, 2002).

Em contraposição, a racionalidade subjetivista valoriza o sujeito em detrimento do objeto, ou seja, o homem é mais importante que a organização e a condiciona. Segundo a lógica subjetivista, as emoções, os sentimentos, as intuições são as

forças do homem e através deles ele consegue transcender como em todas as expressões artísticas e estéticas (LAKOF & JOHNSON, 1980).

Na racionalidade fenomenológica, a descrição que o sujeito faz do objeto é valorizada, ou seja, a interpretação humana do sentido organizacional é o aspecto mais relevante desse tipo de rationale.

Na racionalidade instrumental ou funcional, a utilidade da relação sujeito/objeto é valorizada acima de tudo. Em outras palavras, a utilidade (ou o fim a alcançar por meio) das ações administrativas e produtivas é o foco deste tipo de visão. Ele é especialmente utilizada no mundo fordista (ou neofordista) da maioria das organizações contemporâneas. Apesar disso, alguns autores como Christine Korsgaard e Robert Bass (2002) afirmam que a racionalidade instrumental precisa de princípios normativos a lhe complementarem. Em uma simplificação grosseira, esses princípios normativos seriam aqueles que guiariam o agente para certos fins em detrimento de outros.

Ao mesmo tempo, para Korsgaard (apud. BASS, 2002) uma razão instrumental é uma verdade lógica, guiando decisões, mas que necessariamente excluiria a motivação para segui-la. Para ela, a solução deste dilema está na fórmula kantiana: "Quem quer que deseje um fim, deseja também os meios que são indispensavelmente necessários às suas ações e que estão a seu dispor". Em outras palavras e na sua interpretação, é preciso um princípio normativo para dar suporte ao instrumentalismo. Por outro lado, para Bass (2002) algum princípio normativo é necessário, mas não necessariamente um que "nos guie para certos fins" como sustenta Korsgaard.

Para o materialismo dialético (ou marxismo), o sujeito é visto como classe no controle do objeto, sendo assim valorizado. Em outras palavras, os meios de produção (objeto) são controlados pelo capital (ou capitalistas) em detrimento dos trabalhadores. Muito já se falou a favor e contra o marxismo no último século, bastando uma consulta aos trabalhos acadêmicos disponíveis

para um aprofundamento da matéria.

No que diz respeito à Teoria Crítica de 1ª. Geração (ou Teoria da Escola de Frankfurt), o sujeito é "coisificado" pelo objeto, ou seja, não haveria mais salvação para o homem ao estilo do pessimismo weberiano. As relações sociais dentro das organizações aprisionam o ser humano, tornando-o uma "engrenagem" da produção como bem mostrado por Charles Chaplin em seu filme "Tempos Modernos" ("Modern Times", EUA, 1936).

Já para a Teoria Crítica de 2ª. Geração (ou Teoria de Jürgen Habermas), a relação é mediada pelos sujeitos através da razão comunicativa, onde os agentes sociais do processo produtivo dialogam entre si e, de comum acordo, encontram uma melhor racionalidade instrumental, de forma que poderíamos dizer que a razão comunicativa de Habermas seria a forma de encontrar o princípio normativo de Korsgaard.

Em suma, podemos afirmar que o objeto da administração é coordenar recursos humanos, financeiros e materiais em prol da consecução de algum objetivo bem definido, enquanto seu verdadeiro desafio é fazer isso sem que, no processo, os administradores e/ou estrategistas tratem ou lidem com as pessoas como se fossem coisas ou como se deixassem de ser seres humanos.

Referências:

" BUARQUE DE HOLLANDA FERREIRA, Aurélio, Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa, 2ª. Edição revisada e ampliada, Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 1986, 1838 p.

" LAKOFF, George e JOHNSON, Mike, *Metaphors we live by*, 1ª. Edição, Chicago, University of Chicago Press, 1980, 245 p.

" TENÓRIO, Fernando Guilherme, *Tem razão a administração? Ensaios de teoria organizacional e gestão social*, 1ª. Edição, Ijuí, Editora Unijuí, 2002, 220 p., ISBN 85-7429-284-2.

" _____; *Aulas ministradas no Mestrado Executivo na Cadeira de Pensamento Organizacional Contemporâneo*; FGV/EBAPE; 2002b.

" CAN Instrumental Reasoning Stand Alone? BASS, Robert. Disponível em: <<http://personal.bgsu.edu/~roberth/korsgaard.html>>. Acesso em: 04 nov. 2002.

" INTRODUCING Objectivism, RAND, Ayn. Disponível em: <<http://www.aynrand.org/debate/io.shtml>>. Acesso em: 04 nov. 2002.